

Novos corpos e novas trajetórias do cinema negro latino-americano

Roberta Filgueiras Mathias¹

Para pensar o Cinema Negro Latino-americano, precisamos inicialmente fazer duas perguntas centrais, constantes, e ainda sem respostas definitivas (porque talvez não haja uma única resposta para essas complexas questões): “O que é Cinema Negro?” e “O que é Cinema Negro Latino-Americano?”

O classificamos pela temática, pela etnia do diretor, pela equipe? Nesse pequeno texto irei utilizar todas essas classificações, pois não pretendo chegar a uma resposta em poucas páginas. No entanto, deixo a provocação que é, sempre, pertinente e levanta debates essenciais para o reconhecimento de algumas artes negras no Continente.

Primeiro, considero essencial pensar o Brasil como um país que não consome (ou não consumia até pouco) a arte latina em toda sua multiplicidade. Isso envolve, então, a produção de cinema negro e “mestizo” que os outros e até mesmo o nosso país produz. O “Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul”² vem há 13 anos tentando preencher essa lacuna, mas há tanta produção e tanto ainda a ser conhecido que considero esse espaço como uma maneira de indicar e trazer para discussão diretores latino-americanos contemporâneos negros, “mestizos” ou que trabalhem recorrentemente com a temática, para que possamos ter uma noção do que vem sendo produzido nos países vizinhos nos últimos anos.

Um primeiro recorte que gostaria de fazer vem do site Retina Latina³ com o “Ciclo de cine afro: América Latina recupera su identidad perdida”. O nome, já provocativo, nos convoca a uma discussão do que foi a diáspora e quais identidades produziu nos corpos latino-americanos. Sem definir gênero, mas contando apenas com uma ficção, o curta “Fail”, de Andrés Vergara Núñez, sobre um homem negro que sofre em busca de emprego, o site se preocupa mais em agregar filmes nos quais a temática seja o corpo negro e as dificuldades encontradas por esses corpos em um

1 Antropóloga, fotógrafa e crítica de cinema com experiência em Antropologia Urbana e Visual. Especializada em Cultura e Filosofia, Mestre na área de Estética. Iniciou o Doutorado em Antropologia Social pela Universidad Nacional de San Martín e retomou os estudos no PPCIS pela UERJ. Professora do IUPERJ, na pós-graduação, em Fotografia e Imagem e integrante do LEARCC (FEBF/UERJ) coordenado pela Dr^a. Ana Paula Alves Ribeiro. Email: mathias.beta@gmail.com.

2 O Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul surgiu em 2007 com o Centro Afro Carioca de Cinema, espaços no quais são realizados além da exibição de filmes, conferências, debates e oficinas. Mesmo com o falecimento de Zózimo em 2013, o Encontro continuou a movimentar a comunidade negra do Rio de Janeiro e cineastas de outros estados e países que vêm especialmente para o Encontro. Disponível em: <http://afrocariocadecinema.org.br/>. Acesso em: 09 de abril de 2020.

3 O Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul surgiu em 2007 com o Centro Afro Carioca de Cinema, espaços no quais são realizados além da exibição de filmes, conferências, debates e oficinas. Mesmo com o falecimento de Zózimo em 2013, o Encontro continuou a movimentar a comunidade negra do Rio de Janeiro e cineastas de outros estados e países que vêm especialmente para o Encontro. Disponível em: <http://afrocariocadecinema.org.br/>. Acesso em: 09 de abril de 2020.

Seção Zum-zum-zum

continente que, passados séculos da colonização, continua racista. É claro que nós, brasileiros, conseguimos a abolição (e, mesmo assim, uma abolição frouxa que não permitiu a nós, negros, desatarmos nossas amarras) somente em 1888. E essas reminiscências ainda aparecem no setor cinematográfico que olha para o diretor negro como necessariamente produtor de um estilo de arte, nisso incluo o cinema. É esperada uma certa linguagem negra que não existe, pois somos múltiplos, embora precisemos nos unir para ganhar força, daí a importância do encontro de Cinema Negro e de plataformas como a Retina Latina que promovem e se nutrem dos debates gerados pelos encontros entre diretores e espectadores (ainda que, no caso da Retina, seja um encontro virtual).

Assim, a Retina Latina ainda nos apresenta outros quatro documentais: *Cachila*, sobre uma família uruguaia⁴ negra que mantém rituais e vive de arte; *Tarreta Roja*, sobre o jogador de futebol equatoriano Agustín “El Tin” Delgado, dirigido por Rodolfo Muñoz; *Gertrudis Blues*, um curta dirigido por Patricia Carrillo, que conta a história de Gertrudez (esse ainda permanece online); *Tumaco Pacífico*, sobre uma população majoritariamente negra que vive às margens do Pacífico Colombiano poluído, de Samuel Córdoba; *Este Pueblo necesita um muerto*, sobre uma travesti negra e colombiana que diariamente passa por preconceitos advindos das múltiplas identidades que seu corpo carrega, um curta dirigido por Ana Cristina Monroy, que também ainda se encontra no site. Embora todos os demais filmes não se encontrem mais na plataforma, considero essencial fazermos um apanhado da produção de e sobre negros na América Latina.

Acredito que, dessa maneira, teremos mais substrato para entender a movimentação artística e o novo imaginário visual que estamos criando nas últimas décadas sobre o corpo negro.

Há, ainda, a plataforma Bombozila⁵ que conta com 18 filmes na categoria Diáspora Negra, dirigidos por cineastas latino-americanos. Também aqui, observamos a forte presença de documentários como, se agora, que podemos finalmente contar as histórias de nossos antepassados e de nossos corpos sob uma ótica própria, essa fosse uma das principais demandas. Digo, para nós mesmos que passamos anos vendo a história ser escrita, narrada e filmada por outros. É preciso enfatizar, no entanto, que embora a Bombozila possua a categoria Diáspora Negra, o site não é centrado somente por esse viés, envolvendo-se em outros debates como as questões indígenas e territoriais da América Latina.

Considero essas pequenas (grandes) plataformas essenciais para criar uma interlocução entre produtores de audiovisual que, talvez, não se esbarrassem de outra forma. Falo principalmente da produção de outros países.

No Brasil, temos a Afroflix⁶ que tem em sua equipe Yasmin Thayná, Steffania Paola, Bruna Souza, Monique Rocco, Erika Candido, Silvana Bahia e Bruno F. Duarte. Uma equipe toda negra, com apenas um homem e com nomes conhecidos de todos que transitam pelo mundo afro no Brasil. Talvez, o que queira dizer é que

4 No Uruguai, o Candombe ritmo e dança originários de África tem um papel central na formação cultural da população.

5 O nome Bombozila vem das entidades femininas africanas, que fazem a conexão entre o mundo espiritual e o mundo material. Disponível em: <<https://bombozila.com/category/diaspora-africana/>>. Acesso em 09 de abril de 2020.

6 Disponível em: <<http://www.afroflix.com.br/>>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Seção Zum-zum-zum

ainda somos poucos, ainda nos reconhecemos nos eventos artísticos, políticos e acadêmicos e essas plataformas são uma maneira de consolidar e fazer rodar (como as forças de nossos ancestrais) os nomes nem tão conhecidos na cinematografia latina. O Afroflix possui um vasto conteúdo dividido entre: documentário, experimental, ficção, fic/doc, programa, série, videoclipe e vlog. Está aí a diversidade de gêneros da qual timidamente “reclamava”⁷ na página anterior.

O interessante no Afroflix é que ele procura abranger toda diversidade negra do país e tem em seu acervo muitos filmes do Rio de Janeiro, onde se concentra parte de sua equipe, mas também do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, São Paulo, Alagoas. Vale, com certeza, navegar pelo site e descobrir essas produções.

Digo isso, pois é urgente que criemos conteúdo documental sobre nossos corpos e dos nossos, mas é igualmente urgente nos permitirmos transitar por todos os gêneros audiovisuais possíveis. Talvez, nos últimos cinco anos, tenhamos visto essa potência, antes asfixiada, na multiplicidade de artistas negros que se jogam no experimentalismo da vídeoarte.

Considero ainda importante falar sobre a versão de 2018 do Festival de Cinema Latino-Americano (que ocorre em São Paulo todos os anos), edição cujo homenageado foi o cineasta Jeferson De, conhecido por sua militância no cinema. Criador do “Dogma da Feijoada”⁸ (nesse artigo já comecei quebrando várias de suas regras), Jeferson se destaca não somente por sua produção, mas por sua reflexão sobre o cinema negro. Ainda dessa edição, destaco o filme Keyla (dirigido pela branca colombiana Viviana Gómez Echeverry), porém tem seu enredo criado todo ao redor da jovem negra Keyla em uma comunidade de descendentes africanos. A personagem central pega para si o ritmo da narrativa. É ou não cinema negro? Apenas outra provocação.



Figura 1: Imagem do filme colombiano "Keyla"(2017)

7 Obviamente sei da importância dos documentários negros, mas considero que os filmes experimentais carregam em si uma outra afirmação: a de que podemos fazer o que quisermos, ainda mais em um mundo tão branco como ainda é o do cinema experimental.

8 1 O filme tem de ser dirigido por realizador negro brasileiro;

2. O protagonista deve ser negro;

3. A temática do filme tem de estar relacionada com a cultura negra brasileira;

4. O filme tem de ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes;

5. Personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos;

6. O roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro. Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados. Disponível em: <http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.132.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Seção Zum-zum-zum

Tal qual fizemos nas Artes Plásticas, mais notadamente na recente exposição *Histórias Afro-Atlânticas*⁹, considero essencial que continuemos a construir plataformas e eventos que provoquem a discussão entre as produções negras latino-americanas. É evidente que, nesse momento (re)inicial ainda que possamos apontar a própria figura de Zózimo Bulbul como um dos primeiros incentivadores ou ainda os múltiplos artistas da família peruana Santa Cruz - esse será um trabalho de formiguinha, de contato em contato, como o que tentei esboçar aqui.

Ainda considero que nosso conhecimento como nação, em geral, sobre a arte latino-americana é iniciático, precisamos, então, ir em direção às outras diásporas africanas nas Américas para que possamos nos reconectar e nos reconhecer nas linguagens audiovisuais ricas e multifacetadas que são produzidas nos demais países vizinhos. O conhecimento visual **sobre, de e para** nossos corpos é uma das possibilidades para traçarmos novas rotas e conexões afro-latinas.



Figura 2: A produtora executiva Fernanda Lomba, durante apresentação no CineSesc

Poderia ter me aprofundado no trabalho da própria Yasmin Tainá¹⁰ enquanto artista ou ainda na força e complexidade de Grace Passô¹¹, mas acredito que minha contribuição possa ser maior ao trazer nomes não tão conhecidos e ao abrir uma das diversas trilhas e investigações que vêm sendo retraçadas para pensar o Cinema Negro latino-americano. Seria ainda mutilador¹² não citar aqui os trabalhos da baiana Viviane Ferreira, de Juliana Vicente (da Preta Portê Filmes), de Badu Badu (do coletivo “ Nagô) e de Fernanda Lomba (cujo filme *Incorporação-Foice a face*, encontra-se na Bombozila), citadas como representantes de uma geração composta por tantas outras cineastas negras brasileiras que vêm acrescentando ao cenário novas linguagens visuais. Acredito, no entanto, que, somente ao pensarmos juntos enquanto corpos negros diaspóricos latino-americanos, conseguiremos nos fortalecer e enriquecer a discussão sobre o Cinema Negro contemporâneo. Espero que esse texto, ainda que breve, provoque em alguns a vontade de se embrenhar pelas produções audiovisuais negras e mestizas.

9 Exposição ocorrida em São Paulo no MASP e no Instituto Tomie Ohtake ,entre 28 de junho e 21 de outubro de 2018, que contou com 400 obras de artistas de diversos países e se propôs a criar uma interlocução entre obras de distintas épocas e distintos países a partir dos trajetos e das diásporas negras.

10 Yasmin Tainá, como já dito, faz parte da equipe do Afroflix na qual desempenha o papel de Diretora-Geral, além de ser cineasta (destacou-se a partir do filme *Kbela*, 2015), mas também é uma ativista do audiovisual e frequentemente escreve e fala sobre a produção audiovisual nacional.

11 Grace Passô é mineira, tem vasta carreira no teatro e nos últimos anos vêm se destacando em filmes da Produtora Filmes de Plástico, como *Temporada* (2018), mas também transita por outros espaços. Disponível em: <<https://www.filmesdeplastico.com.br/>>. Acesso em 10 de abril de 2020.

12 E utilizo essa palavra justamente por saber de toda força que ela tem para os corpos negros.